

Guimarães

MAIS LIMITADA A REAL DIMENSÃO DO NÚCLEO DE INFORMÁTICA DA UM?

A propósito de uma notícia recentemente divulgada pelo JN, intitulada «Núcleo de Informática na Universidade do Minho», recebemos uma carta, assinada por um professor daquela unidade de ensino, Vasco Freitas, contestando afirmações produzidas pelo responsável do NIG.

Depois de considerar tais informações inexatas, Vasco Freitas sublinha que «podem ter levado facilmente o leitor menos atento ou informado sobre a Universidade do Minho a formar uma ideia errada sobre a verdadeira dimensão daquele Núcleo de Informática de Guimarães (NIG). Igualmente podem ter levado a supor que os docentes, investigadores e alunos em geral da Universidade, em especial os utentes do NIG, dispõem de extraordinários recursos e serviços de informática que lhes possibilite responder a quaisquer solicitações que lhes sejam feitas. A situação pode tornar-se pelo menos embaraçosa sendo mesmo insuportável para aqueles utentes».

O professor da UM admite que o jornalista tenha sido involuntariamente induzido à imprecisão, mas, como o JN conta com um grande número de leitores capazes de compreender as questões em jogo, presta-se a fornecer esclarecimentos.

Relativamente ao «rápido e potente sistema de computadorização» (sic) agora instalado no Núcleo de Guimarães, refere que se deveria ter mencionado tratar-se do «DG, MV 2000» (dois mil) e

esclarecer, antes de afirmar, que o mesmo é capaz de atender simultaneamente dezenas de pedidos programados de cálculo, o que se entende por isso.

«A correcção daquela afirmação depende da ideia que se tenha deste conceito», sublinha Vasco Freitas, esclarecendo que qualquer pessoa minimamente experiente no uso de computadores em cálculo científico para aplicações de Engenharia terá já adquirido uma noção bastante aproximada da carga (peso) que este tipo de programas representa para um computador».

«A avaliação da capacidade do sistema de computação em que se trabalha — continua o docente da UM — é feita através de indicadores práticos, como sejam o tempo de resposta e o factor de alongamento de que é afectada a execução de programas, devido ao ambiente de tempo partilhado (o que se aplica ao caso do sistema «MV 2000» do NIG).

«São os valores destes indicadores que caracterizam, em geral, a qualidade do serviço prestado. Parece-me, portanto, que qualquer afirmação que se faça sobre a capacidade de um siste-

ma de computação sem mais referir» deve subentender que se pratica um nível de qualidade de serviço satisfatório e como tal reconhecido pela maioria dos utentes sob pena de se estar a praticar demagogia».

Vasco Freitas crê, a partir destes pressupostos, que «muito poucos utentes do NIG da UM concordarão com a afirmação acima mencionada. «O ensino do sistema está muito mal administrado» — conclui.

O docente da UM vai ao ponto de afirmar que o sistema «MV 10 000» (dez mil) sediado no Centro de Informática da UM em Braga dificilmente suportará, simultaneamente, mais de uma dezena de tais programas.

Manifesta estranheza, por outro lado, em relação a afirmações de que qualquer utilizador, desde o NIG de Guimarães, pode aceder, através da rede «telepac», ou mesmo trabalhar como se lá estivesse presente, aos centros de cálculo do Porto, Coimbra e Lisboa e diz que, se qualquer utilizador pode aceder a estes recursos, os leitores do JN souberam-no em primeira mão e esperam-se agora que os detalhes sejam divulgados na Universidade.

Afirma que «Echo» não é uma rede mas sim um computador pela Direcção-Geral XIII da Comissão das Comunidades Europeias e que fornece um serviço de intercâmbio de informação (directórias e referências) à comunidade das tecnologias de informação, espe-

cialmente aquela ligada ao programa «Esprit».

«Qualquer assinante da rede pública de dados — refere Vasco Freitas — pode aceder já, com um simples terminal, a esse sistema de informação».

Finalmente, quanto à capacidade de investigação e de documentação que o NIG pretende assumir, o docente universitário esclarece que, de acordo com o modelo organizativo da Universidade do Minho, o «CIUM» é uma unidade de apoio, na dependência directa do reitor que nomeia o presidente, da sua confiança.

«A missão deste centro — diz — é desenvolver actividades de serviço à comunidade que não se inspiram na tipologia das restantes unidades. Ao pretender assumir-se também como centro de investigação, prosseguindo fins próprios, correja o risco de não fazer bem nem uma nem outra coisa, criando um dilema à sua direcção. Intolerante como é com incompetências...».

Até aqui os esclarecimentos do professor da UM. Infelizmente, não nos foi possível contactar, para responder a estas questões, o responsável do Núcleo de Informática de Guimarães, eng.º Duarte Trigueiros, que parece ser directamente visado neste esclarecimento.

E dizemos parece porque ao jornalista não cabe qualquer culpa nas inexactidões referidas por Vasco Freitas. Não sendo técnico em questões de informática, mas sabendo ler, apenas sintetizou

o que lhe pareceu mais importante da documentação fornecida pelo responsável do NIG.

É do eng.º Duarte Trigueiros a afirmação de que os grandes bancos de dados da Europa, como a rede «Echo» patrocinada pela CEE, ou dos Estados Unidos, poderão ser consultados desde o NIG. Do mesmo modo os centros do Porto, Coimbra e Lisboa.

Na documentação de que na altura dispúnhamos, também não se fazia referência concreta ao sistema DG, MV 2000 (dois mil). Mas mesmo que se fizesse (o que aconteceu em documentação fornecida posteriormente), era natural que o jornalista a omitisse, por se tratar de questões técnicas que a generalidade dos leitores desconhece.

O que se pretendeu, afinal, ao divulgar a notícia, foi alertar as entidades económicas da região para as novas possibilidades que o núcleo de Guimarães passou a oferecer. Tão só isso. Precisos sobre a capacidade do sistema instalado seria a própria Universidade a dá-las aos eventuais interessados.

As afirmações do prof. Vasco Freitas, ou os juízos de valor que pretende formular, dirigem-se, por inteiro, ao Núcleo de Informática de Guimarães, supostamente «mal administrado», e não ao JN que apenas noticiou, com fidelidade, embora resumidamente, os meios com que o NIG foi dotado e o modo como, através deles, a Universidade poderia servir a comunidade.

De qualquer modo, aqui ficam registados os esclarecimentos do professor Vasco Freitas, da UM.

Dia	X
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	
31	

Univ. Minho

responsabilidade - informática